

PICAPAU
AMARELO

O SACI

MONTEIRO LOBATO

Adaptação de SILVANA SALERNO • FERNANDO NUNO

Ilustrações de RAQUEL MATSUSHITA

PROJETO DE LEITURA

elaborado por NINFA PARREIRAS

Psicóloga formada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO), psicanalista, membro titular da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle (Spid), mestre em Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP), professora de Literatura e escritora.



A **Coleção Picapau Amarelo** traz a obra de Monteiro Lobato em uma versão que, embora atualizada, preserva o conteúdo e a forma originais. Foram mantidas a prosa coloquial e a criação daquele universo de pessoas, bichos e seres fantásticos do Sítio do Picapau Amarelo que marcou gerações. Os leitores vão descobrir personagens mergulhados em aventuras concretas e imaginárias nos diferentes episódios distribuídos ao longo dos volumes.

Adaptações de obras clássicas podem provocar diversas reações nos leitores, mas vale ressaltar que essa nova versão da narrativa lobatiana soube atualizar e adaptar o texto-fonte mantendo a fidelidade ao original. As alterações foram essenciais para uma adaptação ao século XXI, com linguagem mais próxima à atual, adequação de assuntos relevantes e indispensáveis e excisão de passagens desnecessárias ao fluxo geral das narrativas. A rotina, os personagens, as idiosincrasias da obra, bem como a prevalência da fantasia, foram mantidas – tudo isso para trazer a ambiência mágica do Sítio do Picapau Amarelo para o século XXI.

Por exemplo, os comentários racistas e condescendentes contra Tia Nastácia, feitos principalmente pela boneca Emília, e as descrições depreciativas foram removidas. As longas passagens sobre Astrologia, que não têm impacto significativo na narrativa, também foram suprimidas, e, no caso de

informações astrológicas ultrapassadas, adaptadas. Afinal, muito se avançou nos estudos dos astros nos últimos cem anos.

As histórias do Gato Félix e as fábulas de La Fontaine e de Esopo, recontadas na obra original, também foram cortadas desta edição. Hoje, diferentemente da época de Lobato, há inúmeras publicações de obras desses autores disponíveis para leitura, sendo desnecessário recontar tais histórias aos leitores. O objetivo da edição foi destacar as renaixões que dão voz aos personagens do sítio e suas aventuras.

Com um trabalho artesanal, ao modo da Tia Nastácia, feito a seis mãos, Silvana Salerno e Fernando Nuno (autores que ficaram a cargo da adaptação) ao lado de Raquel Matsushita (ilustradora e *designer*) utilizaram suas amplas experiências com a literatura infantil e juvenil para recriar o universo lúdico da narrativa lobatiana. São autores reconhecidos e premiados.

Silvana Salerno estudou Jornalismo e Letras na Universidade de São Paulo. Além de ter publicado mais de 20 obras, é especializada em Literatura e Arte. Fernando Nuno também estudou Jornalismo e Letras na Universidade de São Paulo. É escritor, tradutor, já adaptou algumas obras clássicas da literatura e trabalha como editor. Raquel Matsushita estudou Publicidade e Propaganda na Universidade Metodista de São Paulo e fez especialização em *Design Gráfico*

na Escola de Artes Visuais de Nova York. Suas ilustrações e seus projetos gráficos estão em várias obras.

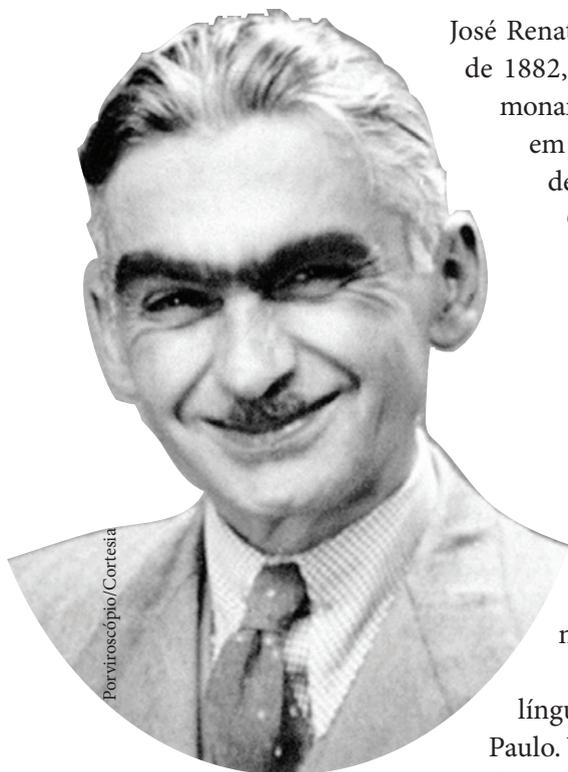
Cada volume é um convite ao manuseio e à leitura – individual ou compartilhada. Sim, compartilhar essas histórias pode ser uma maneira afetiva de repetir o que acontecia no sítio: reunir as pessoas em torno da milenar arte de contar histórias, ler em voz alta, folhear as páginas, tocar as ilustrações e sentir cores e texturas de retalhos – matéria-prima da boneca Emília. Assim, o livro traz uma variedade de linguagens (visual, textual, gráfica) para dialogar com alunos e professores.

Uma apresentação de Magno Silveira (*designer*, pesquisador e colecionador da obra de Monteiro Lobato) abre cada título, nas orelhas da obra. É um verdadeiro passeio histórico pelas peripécias da turma do sítio. Além de admirador da obra do autor, ele criou o catálogo *Ilustradores de Lobato: a construção do livro infantil brasileiro – 1920-1948*, o que atesta seu conhecimento e propriedade para falar historicamente dos livros lobatianos.

Antes mesmo da narrativa, somos apresentados a uma galeria dos personagens principais, com ilustrações de Raquel Matsushita. Já é um convite para conhecer aqueles que vão habitar as páginas de cada livro.



APRESENTAÇÃO DO AUTOR



José Renato Monteiro Lobato, Juca, nasceu em 18 de abril de 1882, em pleno império de D. Pedro II – tempo da monarquia, da escravidão e da agricultura do café –, em Taubaté, São Paulo. Seu avô era o Visconde de Tremembé e sua avó, Anacleto. José Bento e Olympia eram seus pais. Judith e Esther eram suas irmãs mais novas.

Por causa da bengala do pai com as iniciais JB, em 1893, aos 11 anos, Lobato trocou de nome para José Bento, como uma identificação paterna e uma consciência de si. Queria que a bengala fosse dele no futuro.

Ele morou na fazenda do avô, onde também passava as férias. Aprendeu a ler em casa com a mãe e foi para a escola aos 7 anos. Não era um aluno exemplar e costumava arrumar confusões na hora do recreio.

Aos 13 anos, foi reprovado em um exame de língua portuguesa, para entrar em uma escola em São Paulo. Voltou para Taubaté e escreveu *Rabiscando*, com o pseudônimo de Josben.

Lia revistas e livros da biblioteca do avô. Aos 16 anos, perdeu o pai e aos 17, a mãe, tornando-se órfão ainda na adolescência. Aos 17 anos, foi novamente para São Paulo.

Escrevia cartas e queria ser pintor, mas seu avô desaprovou; desejava que o neto fosse advogado. Logo, ele entrou para o Grêmio Literário na escola e para a Arcádia Acadêmica na faculdade.

Escrevia para o jornal *O Onze de Agosto*, jogava futebol e frequentava o Café Guarani. Naquela época, recebia latinhas de iças torradas (formigas), vindas da fazenda para a capital. Participou da república O Minarete e do Grupo Cenáculo. Tudo isso foi moldando a formação literária do futuro autor – e nos mostrou sua vitalidade e seu empreendedorismo desde jovem.

Embora Lobato tenha se formado em Direito, sua vocação era mesmo para as artes: a pintura, a fotografia e o mundo das letras e dos livros. Suas decepções com o mundo adulto o levaram a escrever para crianças, na tentativa de formar pessoas melhores.





“Um país se faz com homens e livros” é sua célebre frase recolhida em cartas a amigos.

É interessante pensar como até hoje sua obra e sua atuação literária provocam discussões. Lobato envolveu-se com assuntos polêmicos nos campos artísticos, sociais, políticos e econômicos, e não poupou esforços para defender suas crenças.

Ele foi, por exemplo, pioneiro ao incluir personagens negras (Tia Nastácia, Tio Barnabé, Saci) nas obras. Por outro lado, os tons racistas e as descrições depreciativas frequentemente usados em suas narrativas deixam clara a influência das circunstâncias de seu nascimento e sua criação (final do século XIX e início do século XX). Certamente inaceitáveis hoje em dia, suas palavras são reflexo de um preconceito intrínseco àquela sociedade.

Não podemos, no entanto, restringir sua obra a apenas um de seus aspectos. Seus textos, escritos para crianças e tão calcados em imaginação e fantasia, foram

e continuam sendo inspiradores e dignos do *status* de “clássicos”. Eis o motivo desta adaptação. Além de uma narrativa divertida e cheia de aventuras, clássicos como estes também podem ser usados para que gerações futuras aprendam a contextualizar textos históricos, na tentativa de entenderem o passado de seu país e todas as formas pelas quais os anos mudaram – ou não – a sociedade como um todo. De um valor intrínseco inestimável, sua produção literária pode e deve ser trabalhada em sala de aula. Nas histórias, Lobato deu espaço às crianças como protagonistas, não como meras personagens secundárias. E ainda construiu um modelo de família totalmente de vanguarda: com duas mulheres adultas à frente da sustentação familiar, dos serviços da casa e da educação das crianças. Trouxe um modo inclusivo de dar voz a diferentes pessoas, a personagens de outras histórias e do folclore, a bichos etc.



Não foi apenas autor, mas trabalhou também como editor e tradutor. Morou em diferentes cidades brasileiras e no exterior, como nos Estados Unidos (em uma missão diplomática como adido comercial) e na Argentina (em um autoexílio).

Ele concedeu uma entrevista à Rádio Record no dia 2 de julho de 1948, poucos dias antes de falecer. Estava desencantado e empobrecido, aos 66 anos de idade. “O petróleo é nosso!” foi a frase conclusiva de sua participação na rádio, manifesto de

seu caminhar na contramão dos interesses dominantes. Faleceu em 4 de julho de 1948, e seu cortejo fúnebre foi seguido por 10 mil pessoas, que entoaram o Hino Nacional.

Suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, como francês, italiano, inglês, alemão, espanhol, japonês e árabe, sendo lidas por diferentes gerações ao longo de cem anos. Ele é considerado o patrono da Literatura para a Infância e a Juventude no Brasil: 18 de abril é o Dia Nacional do Livro Infantil em homenagem a Monteiro Lobato.



O SACI

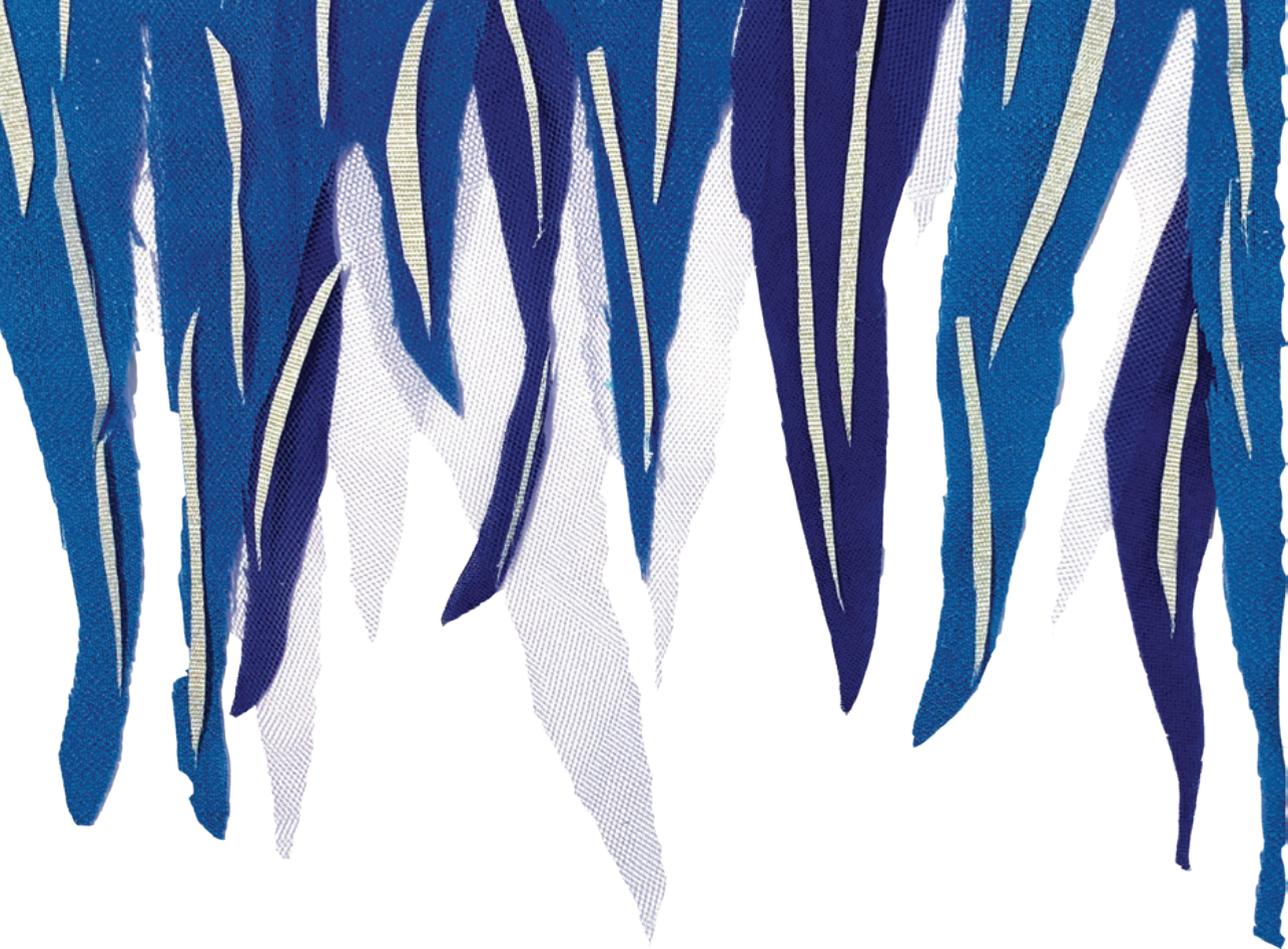
Entre 1920 e 1947, Monteiro Lobato publicou 23 livros, que compõem a coleção O Sítio do Picapau Amarelo. *Reinações de Narizinho* foi o primeiro a ser lançado, em 1920 (com o título *A menina do narizinho arrebitado*), que lhe rendeu 30 mil exemplares adquiridos pelo governo paulista para distribuição em escolas públicas. Encorajado pela repercussão, ele seguiu criando mais histórias. Em 1921, lançou *O Saci*, com base em um farto material pesquisado sobre a cultura popular, especialmente sobre esse ser folclórico de uma perna só. Sua pesquisa inicial foi publicada em 1917, no jornal *O Estado de São Paulo*, e serviu de base para a publicação da obra *O Saci-Pererê – resultado de um inquérito*, de 1918.

O Saci é um dos títulos mais conhecidos da coleção do Sítio do Picapau Amarelo. Nele, temos a primeira menção a Cuca, além de outros personagens do folclore brasileiro. Isso marca a presença da tradição oral e da valorização de saberes populares na obra de Monteiro Lobato.

O meio ambiente, tanto a floresta com suas plantas quanto os animais e suas formas de sobrevivência, é descrito em detalhes pela experiente voz do Saci, o que aproxima as crianças dos seres misteriosos da floresta e da fauna e da flora brasileira, dos seus segredos e saberes que surgem diante de tanta diversidade.

Nessa história, com o Saci, o garoto Pedrinho vai embarcar em uma aventura pela floresta nas vizinhanças do Sítio do Picapau Amarelo. Inicialmente, o menino decidiu fazer uma jornada pela mata; posteriormente, seguiu para salvar a sua prima Narizinho das terríveis garras da monstruosa Cuca. Podemos entender que o garoto vive um rito de passagem, com tantos aprendizados e descobertas, ao permanecer na mata distante dos familiares. Isso ilustra a mudança da fase da infância para a puberdade, quando as crianças começam a agir de forma mais independente. Aos poucos, elas desenvolvem autonomia e habilidade para lidar com diferentes pessoas e situações.





Vivenciar por meio da leitura literária uma experiência como essa ajuda as crianças a entender seus limites, fortalecer seus vínculos familiares e aprender a lidar com novidades. É o que acontece com Pedrinho nessa obra. O tempo todo ele se lembra de suas referências sociais, do Sítio do Picapau Amarelo, da avó e de todos os moradores.

Simbolicamente, a criança experimenta, por meio da leitura, um enfrentamento e uma aproximação de seus sentimentos. A literatura tem uma função terapêutica, quando estimula a imaginação e a possibilidade de deslocamento de papéis. Diferentes aspectos de uma criança podem se identificar com características de distintos personagens.

Cada personagem pode representar questões diversas, como a coragem, a valentia, o medo, a insegurança, a alegria e outros afetos. A aproximação com o leitor se dá por meio dos sentimentos desconhecidos, que se encontram também nas figuras ficcionais. Ao se identificar com elas, podem se fortalecer e elaborar sentimentos e emoções que desconheciam em si próprios ou não compreendiam.

A própria figura do Saci se revela como complexa e profunda, pois ele é travesso, agitado, mas também generoso e solidário. A caracterização da personagem não é maniqueísta. Ele não é bom nem mau, mas um ser de aspectos diversos e contraditórios, o que é de alta importância na literatura para a infância, avessa a estereótipos e relações polarizadas.



Estudos comparativos apontam as mudanças na linguagem das obras ao longo do tempo. O que pode sinalizar a preocupação do autor em adaptar suas obras de acordo com seu tempo. Agora, oportunamente, uma adaptação desse volume da obra de Monteiro Lobato possibilita a relação de *O Saci* com algumas questões contemporâneas, como:

- * meio ambiente;
- * mundo da infância × mundo adulto;
- * valorização do folclore como o berço de nossa cultura;
- * fantasia como meio de entretenimento e de contato com os afetos;

- * valorização da família;
- * protagonismo feminino;
- * emancipação das crianças;
- * vida urbana e vida rural;
- * pluralidade.

O livro é composto de 27 capítulos, com diálogos, descrições e muitas novidades para os olhos da criança, que descobre o encantamento da floresta. Enraizados nessa história há saberes populares, aprendidos no dia a dia, que são diferentes dos enciclopédicos, aprendidos em livros.

Eis *O Saci*, cheio de seres encantados, da magia da floresta e dos sabores do Sítio do Picapau Amarelo!



SUGESTÕES DE ATIVIDADES

A riqueza de conteúdo do livro possibilita trabalhá-lo sob várias vertentes e por diversas disciplinas. Trazemos sugestões para instigar você, professor, a explorar a obra literária com atividades e reflexões. Veja a seguir algumas propostas elaboradas de acordo com a BNCC, divididas pelas disciplinas para facilitar o trabalho.

1. Leitura da obra

Estamos diante de uma narrativa que evidencia a riqueza brasileira, tanto pelo folclore quanto pela linguagem, além da forte presença da fauna e da flora. Logo, você e os estudantes poderão associar a história:

- a seu contexto geográfico, social e cultural;
- a outras obras de Monteiro Lobato;
- a obras de autores nacionais e estrangeiros;
- a personagens folclóricos.

Contamos com importantes folcloristas nacionais, como Câmara Cascudo e Sílvio Romero; ambos possuem obras para leitores de todas as idades com histórias recolhidas da tradição oral. Além deles, autores brasileiros como Ricardo Azevedo, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Angela Lago e Heloisa Prieto publicaram diferentes obras para a infância com personagens folclóricos. Provavelmente na sua escola há obras sobre o folclore nacional, o que possibilita fazer pesquisas com as crianças na biblioteca.

A leitura em voz alta é fundamental para as crianças se ouvirem. Crie situações para que leiam em seu próprio ritmo.

Você pode escolher alguns capítulos para lerem juntos. Comece com um trecho, depois abra espaço para que os pequenos leiam também. Proponha uma leitura dialogada, fazendo comentários a cada parágrafo ou perguntas sobre a linguagem e os personagens. Se julgar mais adequado, proponha uma leitura sem pausas para, depois, dialogar e conversar.

Essa obra é viva e dinâmica porque lida com ações, mistérios, segredos, novidades. Tudo isso cria engajamento dos leitores.

*Essa proposta contempla as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF15LP02, EF15LP09, EF15LP10, EF15LP15, EF15LP16, EF35LP01, EF35LP21 e EF35LP22.***



2. Explorando diferentes aspectos da narrativa

A adaptação dessa obra proporciona um trabalho de pesquisa e de enriquecimento da leitura pelas crianças. Por isso, além de explorar a linguagem do texto e das ilustrações durante as aulas de Língua Portuguesa, o livro pode também ser trabalhado em parceria com professores de outras áreas, como Ciências, Geografia, História e Arte, e fazer parte de trocas com as famílias na rotina escolar: presença de familiares para roda de causos e de leituras, reuniões de conversas e de trocas. Lembre-se de que a leitura das ilustrações pode render um excelente trabalho de interpretação da obra.

LÍNGUA PORTUGUESA

Durante as aulas de Língua Portuguesa, podem ser abordadas algumas questões, como:

- **Astúcia × força**

Leia com as crianças e, depois, conversem. Dê exemplos, escute os alunos. O que seria mais importante desenvolver em si: a astúcia ou a força? O trecho a seguir, retirado da página 61, é interessante para suscitar o diálogo.

“– Mas, se a Cuca é poderosa como você diz, que poderemos fazer?”

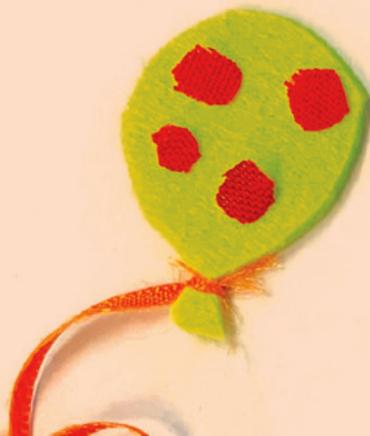
– Não sei. Lá, veremos. O que é preciso é não desanimar. Se ela é poderosa, eu sou astucioso. A astúcia inúmeras vezes vence a força. Faça das tripas coração e acompanhe-me. Não devíamos ter deixado escapar o porco que nos trouxe. Precisamos descobrir nova montaria.”

- **Sobre objetos e coisas em desuso**

Já pensou que há coisas que caem em desuso? Isso também ocorre na linguagem, na forma de se comunicar. Analise o trecho da página 10.

“Encostadas às paredes havia duas meias mesas também de mármore, cheias de enfeites: três casais de içás vestidos, vários caramujos e estrelas-do-mar, duas redomas com velas dentro, tudo colocado sobre os “pertences” de miçangas feitos por Narizinho. Hoje ninguém mais sabe o que é isso. Pertences eram umas rodela de crochê que havia em todas as casas, para botar bibelôs em cima; para o lavatório de Dona Benta, Narizinho fizera pertences de crochê; e, para a sala de visitas, fizera aqueles de miçangas bem miudinhas de várias cores.”

Aprofunde essa conversa e deixe as crianças se manifestarem com seus próprios exemplos. O que terá caído em desuso no universo de seus alunos? E na linguagem





utilizada pelas famílias e pelos funcionários e professores da escola? Que tal anotarem palavras e coisas em desuso que aparecem no livro? Depois, vamos desenhar! A ideia é fazer um registro interessante para ser compartilhado e visto não somente pelos alunos como pelos familiares.

- **Medo não tem idade nem local de nascimento**

Vamos falar sobre um sentimento que todos temos? É o medo, algo que ora nos protege, ora nos paralisa. Veja os trechos extraídos respectivamente das páginas 17 e 46.

“Pedrinho calou-se. Embora nunca houvesse confessado a ninguém, percebia-se que tinha medo de saci. Nesse ponto não havia nenhuma diferença entre ele, que era da cidade, e os meninos nascidos e crescidos na roça. Todos tinham medo de saci, tais eram as histórias que corriam a respeito do levado moleque duma perna só.”

[...]

“– Por causa do medo, Pedrinho. Sabe o que é medo?”

O menino gabava-se de não ter medo de nada, exceto de vespa e outros bichinhos venenosos. Mas não ter medo é uma coisa e saber que o *medo* existe é outra. Pedrinho sabia que o *medo* existe porque diversas vezes o seu coração pulara de medo. E respondeu:

– Sei, sim. O medo vem da incerteza.”

Para falar sobre o medo, nada melhor que ler e comentar trechos do livro e escutar os estudantes sobre suas impressões acerca da história. Como a associam às suas vidas?

*Essas propostas contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: **EF15LP09, EF15LP10, EF15LP16, EF35LP01, EF35LP03 e EF35LP04.***



CIÊNCIAS

Para trabalhar o componente curricular de Ciências, faça com os estudantes um levantamento de elementos da fauna e da flora que aparecem nas redondezas da escola. Eles podem desenhar, escrever e gravar vídeos do que encontrarem. Estudem a natureza local, valorizem quintais, jardins, praças, parques públicos, manguezais, matas, lagoas, praias, rios etc.

Outra sugestão seria gravar sons da natureza: vento, pios de aves, sons de animais e do balançar de árvores, além de rios e córregos. Depois, ouçam juntos e comentem. Cada estudante poderá reproduzir, com sua imaginação, o ruído de folhas ao vento, poeira, cachoeira, rios, mar, bambu, borboleta, pássaros, grilos... e muito mais!

Ao iniciar a leitura, sinalize trechos associados ao componente curricular. Sugerimos alguns trechos para destacar.

“Era tão antigo aquele pomar que os vizinhos até caçavam. Viviam dizendo: ‘O pomar de Dona Benta está tão velho que qualquer dia fica esquecido. As jaqueiras começam a dar manga e as mangueiras a dar laranjas’. Mas Dona Benta não ligava. Não admitia que se cortasse uma só árvore – nem o pobre pé de fruta-do-conde encarangado. Dizia que cada uma delas lembrava qualquer coisa da sua meninice ou mocidade.” (p. 12)

Nesse trecho, você pode comentar o cuidado e o carinho de Dona Benta com as árvores, o quintal e as plantas. Repare que a natureza circunvizinha do Sítio do Picapau

Amarelo faz parte da vida de todos. Peça que os estudantes descrevam como é a vizinhança da escola. Há plantas e árvores? Conversem sobre isso!

“Impossível haver no mundo lugar mais sossegado e fresco, e mais cheio de passarinhos, abelhas e borboletas. Como Dona Benta nunca admitiu por ali nenhum menino de estilingue, a passarinhada se sentia à vontade e fazia seus ninhos como se estivesse na Ilha da Segurança. Nem o bodoque de Pedrinho funcionava no pomar.” (p. 12)

Novamente, nota-se um sentido de pertencimento ao local e de cuidado com os seres da natureza. Leve essa reflexão para os estudantes. Eles sentem esse cuidado com a natureza onde vivem?

“Plantado na calçada e subindo pela parede, o velhíssimo pé de flor-de-cera, planta que não se planta mais porque custa muito a crescer. Até cravo-de-defunto havia lá; Narizinho implicava com essa flor por ter ‘cheiro de cemitério’. Bem no centro do jardim havia um tanque redondo com uma cegonha de louça, toda esverdeada de limo, que esguichava água pelo bico. Mas a cegonha já estava sem cabeça, por causa das pelotadas do bodoque de Pedrinho. E um velho regador verde morava perto do tanque, porque era com a água do tanque que Tia Nastácia regava as plantas no tempo da seca.” (p. 11)

Repare que o jardim é agregado à geografia da casa. Cada coisa faz parte de um universo maior, que é o Sítio do Picapau



Amarelo. Esses elementos se alinham, inclusive, com a ação do tempo e com as mudanças na natureza. Pergunte aos estudantes se algum deles conhece um local assim.

- **O valor do meio ambiente**

É inquestionável a necessidade de trabalhar a importância da preservação do meio ambiente nas turmas do Ensino Fundamental. As crianças precisam se apropriar dos locais onde moram e estudam, cuidando da limpeza e do bom funcionamento dos espaços. Vamos a trechos sugeridos para leitura e conversa.

“Mas o rei do pomar era o João-de-barro. Na paineira grande, bem lá no fundo, moravam dois num ninho feito de argila, em forma de forno de assar pão. Era o casal mais amigo possível. Não se largavam nunca. Onde estava um, também estava o outro por perto. Se por acaso um se afastava um pouco mais, volta e meia soltava uns gritos como quem pergunta: ‘Onde você está?’ – e o outro respondia: ‘Estou aqui’. E, de vez em quando, cantavam juntos aquele dueto que mais parece uma série de marteladas estridentes e alegres.

– Que coisa interessante, vovó! – disse Pedrinho um dia. – Repare que eles sempre cantam ou gritam juntos. Um faz uma parte e o outro faz o acompanhamento, como no piano...” (p. 13)

- **Questionamentos sobre a vida**

Como nascemos, crescemos e nos desenvolvemos? Essas e outras questões podem ser conversadas com base na leitura. O diálogo a seguir pode ser lido por dois estudantes. Depois, em roda, conversem sobre o tema.

– Ah, isso é o segredo dos segredos! – respondeu o saci. – Nem nós sabemos. Mas o que acontece é o seguinte: dentro de cada criatura, bichinho ou plantinha, há uma força que a empurra para a frente. Essa força é a Vida. Empurra e diz no ouvido das criaturinhas o que elas devem fazer. A vida é uma fada invisível. E ela que faz o pernilongo ir picar as pessoas nas casas de noite; e que manda o grilo abrir buraco; e que ensina o bombardeiro a bombardear seus atacantes.

– Mas é invisível até para vocês, sacis, que enxergam mais coisas do que nós? – perguntou Pedrinho.

– Sim. Eu, que enxergo tudo, nunca pude ver a fada Vida. Só vejo os efeitos dela. Quando um passarinho voa, eu vejo o voo do passarinho, mas não vejo a fada dentro dele a empurrá-lo.

– Então ela deve ser como a gasolina dos automóveis. Sem ela, eles não andam.

– Perfeitamente! – concordou o saci. – Mas com uma diferença: nos automóveis a gente vê e cheira a gasolina, mas a Gasolina-Vida





ninguém ainda conseguiu ver nem cheirar.

– E morrer? Que é morrer? A Vida então acaba, como a gasolina do automóvel?

– A Vida se muda de um ser para outro. Quando um ser está velhinho, bem idoso, a Vida já está criando seres novinhos em folha para o momento em que ele falecer.” (p. 44)

*Essas propostas de atividades contemplam a seguinte habilidade descrita na BNCC para o componente curricular Ciências: **EF04CI02**.*

GEOGRAFIA

A obra apresenta elementos para abordar nos estudos da Geografia, como o espaço natural e o espaço modificado; época de chuva e de seca; localização regional do espaço do Sítio do Picapau Amarelo etc.

Peça às crianças que imaginem qual seria a localização do espaço geográfico da história de *O Saci*. Seria no Sudeste, onde nasceu e viveu Monteiro Lobato, ou em uma região de Mata Atlântica? Por quê? E quais são as características da fazenda de Dona Benta?

Selecione trechos relacionados aos aspectos que devem ser estudados. A seguir, alguns exemplos.

“Pedrinho não imaginava que uma floresta virgem fosse tão imponente. Que beleza! Aque-

las árvores enormes, antiquíssimas, cheias de musgos e orquídeas; aquelas raízes de fora que pareciam sucuris; aqueles cipós torcidos como se fossem redes; aquela galharada, aquela folharada e, sobretudo, aquele ambiente de umidade e sombra lhe causaram uma impressão que nunca mais se apagou.” (p. 26)

Quem conhece uma floresta assim? Há florestas como essa perto de onde vocês moram? Como são? Vamos desenhar e escrever sobre elas?

“O sítio de Dona Benta ficava num lugar muito bonito. A casa era das antigas, de cômodos espaçosos e arejados. O quarto de Dona Benta era o maior de todos, e junto dele ficava o de Narizinho, que morava com a avó. Havia ainda o quarto de Pedrinho, que passava as férias lá todos os anos; e o da Tia Nastácia, cozinheira e faz-tudo da casa. Emília e o Visconde não tinham quartos; moravam num cantinho do escritório, onde ficavam as três estantes de livros e a mesa de estudo da menina.” (p. 10)

A partir desse trecho, proponha uma conversa sobre moradias, bairros e cidades. Faça perguntas como: Onde, como e com quem vocês moram? Como é o bairro ou a cidade em que vocês vivem? Vamos desenhar,



fazer colagens ou escrever textos curtos sobre suas moradias?

Uma atividade interessante é desenhar coletivamente um mapa imaginário da fazenda ou da mata das criaturas folclóricas.

*Essas propostas contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Geografia: **EF04GE03** e **EF04GE10**.*

ARTE

Manifestações folclóricas também são expressões artísticas. Nesse sentido, faça uma pesquisa sobre os personagens folclóricos e regionais presentes na obra e apresente-os aos estudantes. Considere, em sua pesquisa, seres como Saci, Iara, Curupira, Boitatá, Cuca, Lobisomem, Mula sem Cabeça, Porca dos Sete Leitões, Caipora, Sucuri que engoliu um boi etc.

Dramatizar a leitura pode ajudar as crianças a se soltar e a experimentar o lugar do outro. Além disso, essa proposta pode ampliar o repertório de ritmos e de musicalidades tão importante no processo de letramento.

Alguns exemplos da narrativa para lerem e dramatizarem.

- **Criaturas do folclore**

“Pedrinho sentiu um arrepio na espinha.

– Por quê? – perguntou, olhando ressabido para todos os lados.

– Porque é justamente aqui o coração da mata, ponto de reunião de sacis, lobisomens, bruxas, caiporas e até da mula sem cabeça. Sem meu socorro, você estará perdido, porque não há mais tempo para voltar para casa, nem você sabe o caminho. Mas o meu auxílio eu só darei sob uma condição...” (p. 27)

- **Sobre o Saci**

“– Mas que reinações ele faz? – indagou o menino.

– Quantas pode – respondeu Tio Barnabé.
– Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas de costura, esconde as tesourinhas de unhas, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, faz os ovos ficarem gorados. Tudo o que acontece de ruim numa casa é sempre arte do saci. Não contente com isso, ele também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto. O saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça.” (p. 18-19)

“– É assim mesmo – explicou o homem. – Saci na garrafa é invisível. A gente só sabe que ele está lá dentro quando cai na modorra. Num dia bem quente, quando os olhos da gente



começam a piscar de sono, o saci pega a tomar forma, até que fica perfeitamente visível. É desse momento em diante que a gente faz dele o que quer. Guarde a garrafa bem fechada, que garanto que o saci está dentro dela.” (p. 25)

“– Vejo, Pedrinho, que você é um verdadeiro herói. Essa proeza que acaba de realizar até merece aparecer num livro como uma das mais notáveis que um menino da sua idade já praticou.

– Espere, vovó – disse Pedrinho, com modéstia. – Se a senhora emprega essas palavras para mim, que palavras empregará para o meu amigo saci? Na verdade, foi ele quem fez tudo. Sem a astúcia e o conhecimento dele da vida misteriosa da floresta e dos hábitos da Cuca, eu nada teria conseguido sozinho. Absolutamente nada. Agradeça ao saci, que não faz mais do que dar o seu ao seu dono, como diz Tia Nastácia.” (p. 77)

- **Metamorfoses e encantamentos**

Uma das principais características da literatura para a infância é o uso de metamorfoses e de encantamentos na história. Tudo isso possibilita à criança experimentar diferentes papéis. A seguir, um trecho que pode ser trabalhado em sala de aula.

“Mal acabou de fazer isso, um fato maravilhoso se deu. Uma pedra do terreiro, que ninguém se lembrava de ter visto ali, principiou a inchar, a crescer e a tomar forma de gente.

Segundos depois, essa forma de gente começou a apresentar os traços de Narizinho, que, por fim, reapareceu tal qual era, forte e corada como Pedrinho prometera a Dona Benta. Foi uma alegria. As duas mulheres

abraçaram a menina e choraram quantas lágrimas ainda tinham dentro de si, mas, desta vez, do mais puro contentamento.” (p. 76)

Proponha para a turma criar desenhos inspirados na obra. Os desenhos das crianças são formas de se expressar por imagens. Elas podem construir suas impressões das criaturas do folclore. E depois pintar, colorir ou fazer colagens. Em seguida, organize uma exposição com esses registros e convide as famílias para apreciar os trabalhos das crianças.

Essas atividades contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Arte: EF15AR03, EF15AR04 e EF15AR25.

HISTÓRIA

Em que período da história do Brasil Monteiro Lobato viveu como escritor? Faça uma pesquisa com os estudantes.

Repare que algumas datas da época do autor deflagraram um contexto social, econômico e político racista e classicista. Na obra original, isso aparecia explicitamente. Monteiro Lobato utilizava uma linguagem que depreciava a população negra. Esse traço não está presente nessa adaptação, que buscou se adequar às questões discutidas na contemporaneidade, como respeito às diferenças, a valorização da pluralidade e a empatia nas relações.

Pesquisem sobre a Abolição da Escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889. Depois, converse com a turma sobre como esses dois acontecimentos impactaram a sociedade brasileira na virada do século XIX para o XX. Quais foram os desdobramentos desses processos na atualidade? Essas são questões para você, professor, pensar antes de trabalhar o tema com os estudantes.

O contexto histórico do período envolveu a ocorrência de inúmeras batalhas e disputas pelo poder. A vida nas cidades ainda estava no começo e o espaço urbano era pouco organizado. As atividades rurais eram responsáveis por grande parte da economia do país, e a escravidão de pessoas negras vigorava como uma prática comum na sociedade.

Entre 1890 e 1939, o Brasil contava com uma economia voltada para o comércio externo. O café, os couros e as peles eram os principais produtos de exportação. O café, cultivado em regime de monocultura, dominava a produção agrícola, embora a cultura do algodão assumisse uma expressão crescente a partir de 1890. Entre 10% e 20% do excedente era destinado à exportação, o algodão alimentou uma indústria fabril de destaque. No decorrer da Primeira República (1889-1930), a necessidade de aumentar a produção interna levou à criação de estabelecimentos fabris. Quanto ao gado, era explorado em regime de latifúndio. Os latifúndios cafeeiros ou pecuários estavam nas mãos dos grandes “coronéis”. Essas informações vão ajudar a turma a entender a estrutura social do Sítio do Picapau Amarelo.

Selecionamos um trecho para ser lido e debatido com os estudantes, que menciona a guerra na Europa. Pode ser interessante citar movimentos de disputas de poder, a começar pela sua cidade. Primeiro, entender quem administra, coordena ou dirige uma instituição, como a escola, por exemplo. Depois, ampliar para outras esferas, como representante de moradores, prefeito, líder sindical etc.

- **Sobre humanos e violência**

“– Glória da natureza! – exclamou o malandrinho com ironia. – Ou está repetindo como papagaio o que ouviu alguém falar ou então você não raciocina. Inda ontem ouvi Dona Benta ler num jornal os horrores da guerra na Europa. Basta existir entre os seres humanos isso que eles chamam guerra, para que sejam classificados como as criaturas mais estúpidas que existem. Para que guerra?”

[...]

– Sim, um devorar o outro é a lei da vida. Cada criatura da natureza tem o direito de viver, e para isso está autorizada a matar e comer o mais fraco. Mas vocês fazem guerra sem ser movidos pela fome. Matam o inimigo e não é para comer. Matar por matar é crime. E só entre os seres humanos existe isso de matar por matar... por esporte, por glória, como eles dizem. Qual, Pedrinho, não se meta a defender o bicho homem, que você se estrepa. E trate de fazer como Peter Pan, que embirrou de não crescer para ficar sempre menino, porque não há nada mais sem graça do que gente grande.” (p. 39)

Outra possibilidade é propor a criação de uma linha do tempo que situe a sua escola na história do Brasil. Façam uma pesquisa para descobrir quando a escola foi fundada, quem foi o fundador, quando a primeira turma se formou, quais personalidades estudaram no local. Também é possível investigar quem foram os diretores, os eventos importantes que ocorreram no espaço, entre outras possibilidades. Em seguida, relacione esses eventos e suas datas com a história de nosso país. O que ocorria no



Brasil no ano em que a escola foi inaugurada? Desenvolva esse exercício com todos os eventos indicados na linha do tempo de sua escola.

Se julgar pertinente, transformem esse levantamento em notícia, jornal ou *podcast* gravado pelos estudantes e divulguem-no para toda a comunidade escolar.

Essas atividades contemplam a seguinte habilidade descrita na BNCC para o componente curricular História: **EF04HI02**.



SUGESTÕES DE CONTEÚDO PARA O PROFESSOR

Por meio das atividades sugeridas neste suplemento, pretendemos auxiliar você, professor, a abordar o livro e os assuntos em sala de aula; contudo, esse trabalho não deve ser limitado. A seguir, algumas indicações de leitura e filmes para ajudá-lo a expandir as discussões.

Filme

O SACI. Direção: Rodolfo Nanni. Produção: Rodolfo Nanni e Arthur Neves. Brasil, 1951. 1 DVD.

Livro

ALVES, J. C. *Abecedário de personagens do folclore brasileiro*. São Paulo: Edições Sesc; FTD, 2017.

Site

CONDIMOURA, G. *Emília diante de Lobato: quando a boneca brinca com o mundo, ou o artifício do nacional*, 2021. Disponível em: <https://bonecacompscocoquebrado.wordpress.com/2021/05/22/emilia-diante-de-lobato-quando-a-boneca-brinca-com-o-mundo-ou-o-artificio-do-nacional/>. Acesso em: 2 set. 2024.

Bibliografia crítica sobre Monteiro Lobato

AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, W. *Furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 2000.



DANTAS, P. (org.). *Vozes do tempo de Lobato*. São Paulo: Traço, 1982.

DEBUS, E. *Monteiro Lobato e o leitor, esse desconhecido*. Itajaí: Univali; Florianópolis: Ed. UFSC, 2004.

HABIB, P. A. B. B. *Eis o mundo encantado que Monteiro Lobato criou: raça, eugenia e nação*. Curitiba: Appris, 2023.

LAJOLO, M. (org.). *Monteiro Lobato: Literatura Comentada*. São Paulo: Nova Cultural, 1981.

LAJOLO, M. *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.

LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Ed. Unesp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LOPES, E. M. T. et al. *Lendo e escrevendo Lobato*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

PENTEADO, J. R. W. *Os filhos de Lobato, o imaginário infantil na ideologia do adulto*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1997.

Outras obras de Monteiro Lobato consultadas

LOBATO, M. *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Biblioteca Azul, 2008.

LOBATO, M. *O Sacy-Perêê, resultado de um inquérito*. Edição Fac-símile. Rio de Janeiro: JB, 1998.



**Editora
do Brasil**



www.editorado brasil.com.br



atendimento@editorado brasil.com.br



facebook.com/editorado brasil



youtube.com/editorado brasil



instagram.com/editorado brasil_oficial

